

## ABORDAGEM CONSERVACIONISTA NA CRIAÇÃO ARTIFICIAL DE PEQUENOS FELÍDEOS NEOTROPICAIS

Anderson Luiz de Carvalho<sup>1</sup>, Stacy Wu<sup>2</sup>, Ronaldo José Piccoli<sup>2</sup>, Elizete Gabriel da Silva<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Docente do Departamento de Ciências Veterinárias – UFPR/Palotina

<sup>2</sup> Médico(a) Veterinário(a) Residente na área Medicina e Conversação da Fauna Silvestre – UFPR/Palotina

<sup>3</sup> Discente do Curso de Medicina Veterinária – UFPR/Palotina

Com o final do outono e início da primavera, inicia-se o período de recebimento de filhotes órfãos de pequenos felídeos em instituições que prestam atendimento a animais silvestres. Estes filhotes são normalmente resgatados em decorrência de óbito da progenitora e também de suposto abandono, para o qual citam-se como possíveis causadores a ocorrência de defeitos congênitos, o desenvolvimento retardado do filhote, o afugentamento da progenitora por cães ou a localização e remoção do filhote para tentativa de criação como animal de estimação. Na criação artificial de filhotes de animais silvestres, deve-se considerar conceitos de etologia que permitam moldar o comportamento de acordo com o objetivo futuro para estes indivíduos, seja este o uso em atividades de educação ambiental, a destinação para instituições com ou sem fins de reprodução, ou a reintrodução dos animais em vida livre. O principal conceito etológico a ser considerado neste processo é o chamado *imprinting*, descrito por Konrad Lorenz em 1935 como o comportamento de aprendizado de filhotes a partir de estímulos visuais e auditivos que influencia as atitudes destes indivíduos quando adultos, principalmente nas espécies que são altamente dependentes dos pais. Em condições naturais, um filhote de felídeo faria o processo de *imprinting* com sua própria mãe, e aprenderia com esta vários dos comportamentos necessários para sua sobrevivência na natureza, dentre eles as habilidades de caça e defesa. Diferentemente desta condição, na criação artificial, onde humanos fazem o processo de alimentação e acompanhamento, pode-se desenvolver o *imprinting* entre o humano e o filhote, caso exista um tempo de interação muito prolongado entre estes. Nesta condição, o vínculo criado poderá inicialmente facilitar o processo de criação, mas no médio e longo prazo poderá dificultar o contato deste animal com indivíduos da mesma espécie no cativeiro ou mesmo impedir a sua soltura na natureza. Este relato aborda a criação artificial de um gato-maracajá (*Leopardus wiedii* – Lw1) e dois gatos-do-mato-pequeno (*Leopardus guttulus*, Lg1 e Lg2), recebidos para criação artificial no Hospital Veterinário da Universidade Federal do Paraná, em Palotina/PR. A idade estimada e peso ao recebimento foi de 7 semanas para Lw1 (Peso: 0,710 Kg), 4 semanas para Lg1 (Peso: 0,424 Kg) e 9 semanas para Lg2 (Peso: 0,846 Kg). Para a alimentação do Lw1, optou-se por codorna (*Coturnix japonica*), tilápia-do-nylo (*Sarotherodon niloticus*), jundiá (*Rhamdia quelen*), camarão-da-amazônia (*Macrobrachium amazonicum*), carne bovina e alimentação úmida para filhotes de gatos (Whiskas®), intercalados ou em associação. A alimentação de Lg1 incluiu sucedâneo de leite (Petmilk®) fornecido com auxílio de seringa de 3 mL nos três primeiros dias, e adição gradativa do mesmo a alimentação úmida para filhotes, com posterior uso de codorna e carne de frango. Em decorrência do elevado grau de desnutrição apresentado por Lg2 e da ausência do interesse deste em se alimentar, optou-se pelo fornecimento de alimento (dieta para animais convalescentes – Recovery®) via sonda naso-esofágica até o início do interesse pela alimentação convencional, com codorna e carne de frango. Durante todo o período de criação, a interação da equipe técnica com os animais limitou-se aos períodos de alimentação, limpeza, pesagem e medicações, e todos os filhotes permaneceram alojados individualmente em gaiolas ambientadas com galhos, grama artificial, caixa de areia, plataforma elevada e ursos de pelúcia. As gaiolas também permaneceram cobertas com toalhas que limitaram os estímulos visuais aos filhotes. Observou-se que a adoção deste método de criação permitiu a manutenção de comportamento selvagem e desinteressado ao contato humano nos indivíduos Lw1 e Lg2, contudo o mesmo não ocorreu com Lg1, que teve histórico de convívio com humanos antes do recebimento no HV e que exigiu maior contato da equipe na oferta de leite. De forma a minimizar este comportamento, optou-se por unir, após um período de 15 dias, Lg1 e Lg2 em

um mesmo espaço, o que reduziu a ansiedade e interesse de Lg1 com a equipe de trabalho. Conclui-se portanto, a importância do mínimo contato entre pacientes órfãos e a equipe técnica quando o objetivo da criação incluir a destinação destes para fins de reprodução ou reintrodução na natureza, e também a alternativa em criar filhotes em conjunto para minimização do *imprinting* com humanos.

Palavras-chave: *Leopardus wiedii*, *Leopardus guttulus*, gato-do-mato